

Estado do Rio Grande do Norte

# Pedagogium

REVISTA OFFICIAL

= DA =

“Associação de Professores”

HE. ESTAB. NABARENO



NATAL  
“EMPRESA TYPOGRAPHICA, NATALENSE LTD”  
1921

# ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES

CONSELHO-DIRECTOR PARA O ANO SOCIAL DE 1922

*Presidente*—Professor Amphilógio Carlos Soares da  
Camara. (reeleito)

*Vice-Presidente*—Professor Luiz Correia Soares de  
Araujo.

*1ª Secretaria*—Professora Julia Alves Barbosa. (reeleita)

*2ª Secretario*—Professor Oscar Wanderley.

*Orador*—Professor Severino Bezerra.

*Thesoureiro*—Professor Francisco Ivo Cavalcanti (ree-  
leito)

*Bibliothecaria*—Professora Francisca Soares da Camara.

*Adjuncta de Secretario*—Professora Stella Ferreira  
Gonçalves. (reeleita)

*Adjuncta do Orador*—Professora Maria Carolina  
Wanderley.

*Adjuncta de Thesoureiro*—Professora Rosa Cabral.

*Adjuncta do Bibliothecaria*—Professora Maria Emilia-  
na da Silva.



Estado do Rio Grande do Norte

# Pedagogium

REVISTA OFFICIAL

— DA —

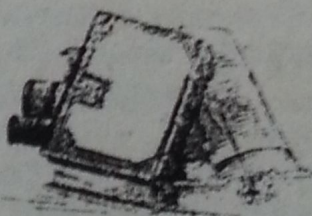
“Associação de Professores”

sob a direcção do Dr. Nestor  
dos Santos Lima, director da  
Escola Normal : : : : :

NATAL-NOVEMBRO-1921

DR. ISRAEL NASARENO

ANNO I



NUM 2

NATAL  
“EMPRESA TYPOGRAPHICA, NATALENSE LTD”  
1921

Pedagogium

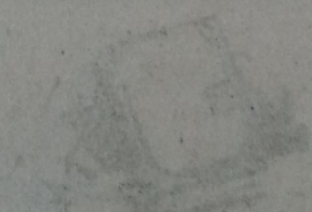
REVISTA OFICIAL

"Associação de Professores"

Escola Normal  
dos Santos e sua direção de  
sob a direção do Dr. Westor

NATAL - OUTUBRO - 1951

N.º 2



1951

EMPRESA TIPOGRAFICA NATALENSE LTD  
NATAL  
1951

# A ABOLIÇÃO

A abolição no Brasil deve ser encarada sob dois aspectos : um, a escravidão do elemento indigene e outro, a escravidão do negro africano.

Os primeiros colonos, que vieram ao Brasil, necessitados de braços para a cultura do solo, utilizaram-se dos serviços dos indios, que soffreram pesados castigos. Os conquistadores, com o intuito de depreciarem o selvicola, classificaram-no de ocioso, fraco, obtuso, quando è certo que os francezes descobriam nos indios qualidades muito differentes das que diziam os portuguezes serem elles possuidores.

Os jesuitas, a cargo de quem ficou a catechese dos naturaes da terra descoberta, tomaram a si a questão e advogaram a causa dessas creaturas, a quem a marcha de civilização havia obrigado a abandonar a antiga liberdade que gosavam.

O governo portuguez não foi coherente em suas decisões porque, ora expedia ordens dando a liberdade aos indios, ora cassava essas ordens, fazendo-os voltarem ao estado de captiveiro anterior.

O governo de D. Sebastião, em carta regia de 1580, determinou que somente seriam considerados escravos os indios que fossem aprisionados em guerra justa e por determinação do rei. Em 1595, Felipe II, da Hespanha, tornou effectivas essas ordens e Felipe III, em 1609, proscreeu, definitivamente, o captiveiro dos indios, mesmo quando fossem elles aprisionados em guerra justa.

Esse acto de Felipe III determinou varias representações dos colonos, cuja fortuna ficava profundamente abalada com a abolição definitiva e, attendendo ás reclamações recebidas, o governo portuguez fez voltar o systema de captiveiro adoptado por D. Sebastião.

D. Pedro II, de Portugal, por lei de 1.º de Abril de 1680, tornou a abolir o captiveiro dos indios e as leis de 6 e 7 de junho de 1757, promulgadas por D. José I, confiaram os indigenas, quanto ao espirital, aos bispos e, quanto ao temporal, aos magistrados.

Depois de semelhantes medidas, vieram as cartas regias de 12 de maio e 5 de Novembro de 1808, que ordenavam o captiveiro aos *Botocudos* de Minas Geraes por dez ou mais annos, quando em guerra declarada fossem aprisionados por militares, tornando captivos igualmente os *Bugres* de S. Paulo, por quinze annos, quando aprisionados tambem em guerra por soldados de milicia ou paizanos.

Continuaram sem nenhuma solução de continuidade esses dispositivos até que, por acto de 27 de outubro de 1821, foram abolidos, sendo os indios considerados orphãos e como taes sujeitos á jurisdicção dos respectivos juizes, cabendo aos juizes de paz velarem pela sua liberdade. O acto adicional prescreveu ás Assemblèas Provinciaes, cumulativamente com a Assemblèa Geral, promoverem a catechese dos indios, instruirem-n'os e fazerem-n'os entrar na sociedade civilizada.

E assim terminou o captiveiro do elemento indigena, sendo digno de nota que o Brasil, dentro de um pequeno periodo de sua emancipação, tenha dado solução a tão importante caso, que a metropole encontrou difficuldade em resolver num periodo superior a trez seculos.

## II

A escravidão do negro foi uma consequencia natural da repulsão instinctiva do indio contra o elemento conquistador. Dizem as chronicas que trez foram os primeiros escravos pretos entrados no Bra-

sil, presente de D. João III, a Duarte Coelho Pereira, quando este veio fazer a colonização da Capitania de Pernambuco, que lhe fora doada por aquelle soberano. Posto em pratica o vigor daquelles negros nos trabalhos do campo, cujos resultados se positivaram, num curto espaço de tempo, os portuguezes, a quem fôra dado colonizar a terra descoberta por Cabral, trataram de fazer da Africa o centro de importação desse novo elemento, que lhes seria verdadeira machina humana.

Portugal era então o senhor de quase toda a costa do continente africano, explorada pelos navegadores que pretendiam descobrir o caminho das Indias e corporizar o sonho do infante D. Henrique, o fundador do observatorio de Sagres. Nessa situação, não foi difficil aos portuguezes estabelecerem feitorias nas costas d' Africa, para cuidarem do commercio negro. Moçambique, Mombaça, as ilhas do Príncipe e de S. Thomè eram verdadeiros nucleos exportadores de escravos.

A principio, a presa era facil de ser apanhada, considerando-se a inexperiencia das victimas, e, com um pequeno numero de bijouterias, os traficantes alcançavam, pacificamente, grande numero de infelizes.

Depois, porém, cahiram elles num verdadeiro estado de consciencia e somente eram capturados com a guerra, onde desapareciam, avultadamente, as vidas dessas creaturas, que tinham unicamente contra si os estigmas do clima da terra que lhes déra o berço.

Ha historiadores que narram de modo commovente a travessia dolorosa do Atlantico, feita pelos negros da Africa, nos navios negreiros, sem coaforço e sem hygiene, quase sempre assolados pelo mal de Loanda, a variola e o sarampo. A mór parte dos negros morria no trajecto da viagem e os que chegavam vivos ao Brasil, nús, famelicos e doentes, eram empilhados nos trapiches dos portos, onde, a noite, as chammas de uma fogueira, ou, de dia, o toque de um buzio annunciava a existencia da mercadoria humana exposta á venda. E ahi os grandes

proprietarios de fazendas vinham escolher os pretos, de accordo com o trabalho que lhes iam destinar.

Muitas vezes, o <sup>\*</sup>escravo <sup>\*</sup>encontrava no novo senhor um coração mais magnanimo do que tinham aquelles em poder de quem estivera na Africa e no navio.

Nenhuma duvida ha que o escravo no Brasil gozava de umas tantas benevolencias, que não alcançavam os que iam para outros paizes e colonias, especialmente, para a America do Norte.

No Brasil, os negros, com o consentimento de seus senhores, faziam parte de confrarias religiosas, como as irmandades de S. Benedicto e nossa Senhora do Rosario e promoviam brinquedos, como a coroação do Rei de Congos, festividade esta que coincide com os festejos dos Reis Magos. Uma lei de 1700 regulou darem os senhores aos seus escravos, dois dias na semana, sabbado e domingo, para elles trabalharem em seu proveito, cujo resultado era sempre alcançarem a sua alforria com o producto pecuniario desses serviços.

Tinham ainda em seu favor o apadrinhamento, que era a intervenção de um senhor junto a outro, para que este não castigasse o negro que lhe havia fugido da fazenda; a alforria na pia, que era o direito que qualquer cidadão tinha de, com uma esportula de cinco a vinte mil reis, no maximo, obter a liberdade de um escravo, no acto de seu baptismo; a permuta de escravos entre senhores, de accordo com as sympathias e antipathias reciprocas que houvesse e, finalmente, qualquer senhor podia *ad libitum* alforriar o seu escravo. Ora, isto que no Brasil era feito sem a interferencia do Estado, não se podia fazer na America do Norte, porque ali tudo era regulado por leis severas e inflexiveis.

Em 1826, foi feita na Inglaterra a primeira convenção promovida com o intuito de acabar com o trafico dos negros, á qual o governo brasileiro hypothecou a sua solidariedade. Ella, porém, não impediu que continuassem a trazer da Africa para o Brasil o elemento negro.



Em 1845, o Parlamento britannico approvou o bill Aberdeen, pelo qual era considerado como pirata o navio negreiro que fosse encontrado navegando em aguas territoriaes de qualquer paiz. E, como o governo brasileiro tivesse soffrido alguns constrangimentos nas suas relações internacionaes com a Inglaterra, porque o governo daquelle paiz, para acabar com o trafico dos negros, infringira as normas do direito publico internacional, D. Pedro II, secundando os esforços de Euzebio de Queiroz, obteve a approvação do projecto de lei que extinguiu o trafico e foi sancionado em 1850.

Em 1866, o senador Pimenta Bueno apresentou um projecto que tinha em vista a emancipação parcial dos escravos, o qual não foi tomado em consideração, por se achar o governo preocupado com a guerra, que então existia entre o Brasil e Paraguay.

Em 1870, o deputado Teixeira Junior cogitou do assumpto, mas, a queda do gabinete Itaborahy impediu que o projecto fosse estudado. E' então que o Visconde do Rio Branco organiza o ministerio de 7 de março e, tendo a preocupação de cuidar da questão, que já vinha agitando o norte e o sul do paiz, consegue fazer triumphar a *lei do ventre livre* ou *aurea lei*, approvada a 28 de setembro de 1871 por entre as acclamações expansivas do povo, que o cobrira de flôres.

De 1871 a 1885, varios ministerios se succederam no governo e o penultimo delles, o do conselheiro Manuel Pinto de Souza Dantas apresentou um projecto sobre a alforria dos escravos sexagenarios. Formaram-se, porém, duas colligações de conservadores e o projecto foi asphyxiado. Mas, o conselheiro Saraiva conseguiu ver esse projecto approvado na Camara e depois no Senado a 28 de setembro de 1885, sob o gabinete Cotegipe, tomando elle o nome de "*lei Saraiva-Cotegipe*".

A esse tempo, o movimento abolicionista intensificava-se por todos os pontos do imperio. José do Patrocínio, na imprensa, e Joaquim Nabuco, na tribuna parlamentar, eram os espiritos agitadores em prol

da abolição dos escravos. A Província do Ceará foi a primeira que extinguiu essa instituição que nos envergonhava perante o mundo civilizado, declarando-se livre, em 1883, sendo por isto baptizada com o nome de Terra da Luz. As sociedades abolicionistas fundavam-se por todo o Brasil, com o intuito de emancipar escravos, comprando uns, protegendo a fuga a outros e promovendo acções judiciais ainda em favor de outros. Era a alma da nacionalidade que despertava ao sopro dos novos ideaes humanos; era o principio da solidariedade, que pretendia egualar todos os homens sem differença de côr. E nesse arrojado de sentimentos bons, deixando o imperador o governo nas mãos da princeza Izabel, para ir à Europa tratar de sua saude combalida por molestias e pelo avançamento dos annos tendo ainda o Barão de Cote-gipe deixado o ministerio por offerecer resistencia á sancção do projecto de emancipação total, è chamado para a chefia do gabinete o conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira e este, que era um abolicionista ardoroso, conseguiu do Parlamento a dispensa de todos os intersticios por que passa um projecto de lei, no acto de sua formação e, conseguintemente, a approvação do projecto que, sancionado a 13 de Maio de 1888, declarou livres todos os escravos ainda existentes no Brasil.

### III

Circumscrevamos o movimento abolicionista á, então, Província do Rio Grande do Norte.

O primeiro municipio que se libertou do elemento servil foi *Acarape*, no Ceará, em 1883, merecendo por isto passar a chamar-se *Redempção* e a Província foi por José do Patrocínio, cognominada a—Terra da Luz.

Ora, no mesmo anno, talvez por effeito da visinhança e, por conseguinte, transmissão desse fogo de liberdade, a 6 de Janeiro, o municipio de Mossoró funda a sua "Libertadora Mossoróense", a primeira, aliás, que se fundava em toda a Província do Rio Grande do Norte, graças aos esforços de Romualdo

Lopes Galvão, Romão Filgueira, Alexandre Soares, Francisco Gurgel e Frederico de Carvalho.

Os denodados abolicionistas empregavam todos os meios para libertarem os escravos de sua terra e, quer promovendo acções judiciaes, quer solicitando dos respectivos senhores, gratuitamente, a carta de alforria, ou comprando escravos para libertarem-n'os, o certo é que, a 30 de Setembro de 1883, foi o municipio de Mossoró proclamado livre do elemento servil. E tornou-se aquelle municipio o asylo dos escravos que fugiam das fazendas em busca da liberdade!

Assú seguiu as pégadas de Mossoró e, adorável coincidência, a 13 de Maio de 1883, fundou a sua "Libertadora" que, em seu seio, contava um avultado numero de socios.

A directoria da "Libertadora Assuense" ficou assim constituída: Presidente—Antonio Germano Barbalho Bezerra; Vice-Presidente—Antonio Dantas Correia de Medeiros; Secretario—Torquato de Oliveira; Orador—Elias Antonio Ferreira Souto e Thesoureiro—Pedro Soares de Araujo.

Alem dos esforços e empenhos dos que faziam parte da directoria, a "Libertadora Assuense" contava com a bõa vontade e o trabalho de seus associados, destacando-se, dentre elles, pelo grande amor que votavam á causa abraçada, os cidadãos Galdino dos Santos Lima e Augencio Virgilio de Miranda.

A liberdade dos escravos assuenses foi alcançada por meio da palavra ardorosa dos abolicionistas, por indemnisações, por dadivas dos proprios senhores, não se tendo registrado uma sò acção judiciaria. E, a 24 de Janeiro de 1885, em uma sessão realizada na Igreja Matriz daquella cidade, foi proclamada a liberdade dos escravos.

Depois de Assú, seguiu-se Caraúbas, onde o Padre Pedro Soares de Freitas, sozinho, sem o auxilio de associações, fez a aboiação daquelle municipio, sendo por isso aquelle sacerdote um dos elementos de destaque no movimento emancipacionista do Rio Graade do Norte. De 29 de Junho de 1885 a 30 de

Março de 1837, Caraúbas obteve a liberdade de todos os seus escravos.

Só a 1º de Janeiro de 1888 é que no Natal se desfralda a bandeira da abolição. No theatro "Santa Cruz", hoje, residencia do major Theodozio Paiva, o Dr. Pedro Velho de Albuquerque Maranhão funda a "Libertadora Natalense".

Pedro Velho era, nesse tempo, um espirito visionario. Sonhava com a Republica, e a emancipação dos escravos, para elle, era já um grande passo em procura da democracia que havia de collocar em um só nivel todos os filhos da grande patria brasileira.

Na sessão inaugural, foram lidas 8 cartas de alforria, concedidas por varios senhores aqui residentes.

A directoria da "Libertadora Natalense" ficou assim constituida: Presidente, Padre João Maria Cavalcanti de Britto; 1º Secretario, Manuel Porphirio de Oliveira Santos; 2º Secretario, Major Antonio Pinheiro da Camara e Thesoureiro, Major Urbano de Loyolla Barata.

Depois de acclamada essa directoria que foi aceita enthusiasmicamente, foram nomeadas duas commissões executivas, compostas de doze membros cada uma, para promoverem a libertação de captivos nos dois bairros da capital.

Pedro Velho promettia extinguir o captiveiro na Provincia até o dia 31 de Dezembro daquelle anno, e, para isto, na sessão seguinte, foram nomeadas varias commissões de 5 membros, que deviam promover a propaganda nos municipios, onde ainda não houvesse associações libertadoras.

As duas commissões da capital trabalharam, denodadamente, para dar o melhor desempenho ao honroso mandato que haviam accitado e quando restavam apenas somente 29 escravos, a "Libertadora" deliberou que a emancipação total do municipio de Natal seria feita a 23 de Janeiro daquelle anno de 1888, dia em que se commemorava o 66º anniversario da adhesão da Provincia á independencia politica do Brasil.

Mas, por toda a parte os elementos máos prolife-

ram e vivem. Quatro senhores, donos de 9 escravos, fechados dentro do sentimento de egoísmo, da ganância e divorciados dos sentimentos de solidariedade humana, não quizeram alforriar estas nove infelizes creaturas, de sorte que a solennidade, em vez de ser realizada no dia desejado, somente se effectuou a 15 de Fevereiro daquelle anno, graças aos esforços de Padre João Maria Cavalcanti de Britto e do dr. José de Paula Antunes.

No interior da Provincia, as commissões trabalhavam desazonbradamente na libertação dos captivos. No quadro de honra, que a "Libertadora" estampava, desde a sua installação, eram inscriptos os nomes das cidades, villas e povoações, onde não mais havia o elemento servil.

Em Estivas, os 15 escravos existentes foram alforriados no dia 2 de Janeiro de 1888. Em Macahyba, sob os auspícios do Club abolicionista "Padre Estevam Dantas", foram alforriados os ultimos escravos, a 6 de Janeiro. A 22 do mesmo mez, o municipio de Arez proclama livres os trez escravos restantes.

Nova-Cruz desfaz-se dos ultimos captivos a 29, S. José de Mipibú liberta os 77 escravos que tinha, a 2 de Fevereiro.

O movimento abolicionista intensifica-se na Provincia, como em todos os recantos do Paiz. Todos os olhares convergem para a sorte do negro-escravo, elemento este que nos fazia já um povo indigno, perante os demais povos do mundo civilizado.

E' assim que Macau e Ceará-mirim fundam, em Fevereiro de 1888, as suas "Libertadoras", sendo que no segundo desses municipios, na acta de installação da sociedade, consta terem sido lidas 22 cartas de alforria.

Todos os rio-grandenses do norte interessavam-se pela causa abolicionista. Touros, Angicos, Acary, Port'Alegre, Caicó, Jardim, Apody, Sant'Anna de Mattos, S. Miguel e Serra Negra acabam de vez com o elemento servil.

E assim se extinguiu a escravidão no Rio Grande do Norte. O acto da Princeza D. Izabel, felizmen-

te, não produziu nenhum effeito em nosso queri-  
do territorio, porque antes della se haver compadecido,  
talvez por uma futura conveniencia politica, da sorte  
dos negros infelizes, já os rio-grandenses do norte,  
grandes de coração e de alma, haviam antecipado o  
13 de Maio dos seus escravos.

Ivo Filho.

## O PROFESSOR A. JOVIANO

---

Ha muito que esse illustre professor mineiro vem trabalhando pela grande obra da educação, não só ensinando a mocidade da sua terra, como lançando nas azas da publicidade as suas theorias de apostolo do ensino, para o qual se votou de corpo e alma.

E esse valor, esse preparo acaba de ser demonstrado com a adopção do seu methodo de ensino para a lingua materna.

Elle soube, como boni pedagogo que è, juntar dois principios celebres :

I—partir do todo para a parte ;

II—não eliminar o esforço pessoal do alumno.

É um methodo de analyse por excellencia.

Consiste elle em ensinar analyse syntactica, para depois, fazer a analyse lexica. E' um trabalho, portanto, de arrojo, onde qualquer um, que não fosse A. Joviano, succumbiria ao peso das difficuldades, não só do methodo, como tambem, sem duvida, da opposição dos paes de familia, porque, como sabemos, a tendencia do povo è considerar, em primeiro logar, absurdo e inadmissivel, para depois, submeter-se, embora desconfiado, ao accumulo de provas e exemplos.

Entretanto, desta vez, a sorte bafejou o sr. A. Joviano que teve a satisfação de colher os melhores resultados, conquistando, num surto de felicidade, a sympathia de todos.

Neste methodo, alem da grande vantagem de rapidez, o menino consegue adquirir uma boa orthographia e uma collocação de phrases impeccavel em alguns mezes. Tem-se notado mesmo que o alumno

depois da sua applicação comprehende melhor os grandes mestres, arranjando assim uma base estavel para o seu futuro preparo litterario, para o qual precisa de observação, analyse e uma bem desenvolvida comprehensão, tudo isto, já adquirido no decorrer do methodo.

Ferdinand Brunot, em seu *L'enseignement de la langue française* e Brunot e Bony, no *Methode de la langue française*, foram os primeiros a conseguirem que se ensinasse a lingua patria, partindo da syntaxe para a taxeologia.

A. Joviano conseguiu fazer uma adaptação daquelles methodos em nossa lingua, adaptação que acaba de ser confirmada agora, com a publicação do seu ultimo trabalho — III livro de *Lingua Patria*.

O methodo de A. Joviano é, pois, de grande valor pedagogico, e virá, sem duvida, fazer mais uma revolução na pedagogia, dados os seus resultados patentes.

E' de crer que elle não será considerado apenas uma innovação, e sim, que reconhecida a vantagem, venha a ser adoptado em todo o Brasil, tornando mais razoavel o ensino da lingua materna, para o qual, justiça seja feita, o illustre professor de Minas Geraes acaba de abrir um caminho pratico e que podemos chamar de perfeito.

Recife.

*Luciano Garcia.*

---



## AS MODAS E A EDUCAÇÃO

O palpitante assumpto das modas femininas está intimamente ligado á questão educativa.

Primeiramente, porque é norma sã de hygiene, e, pois, de educação physica, a necessidade de preservar o organismo das intemperies por meio do vestuario, em segundo lugar, porque um preceito da educação moral exige o resguardo ao pudor individual através do traje.

Partindo d'estas duas verdades ao alcance de qualquer espirito, não será muito difficil admitir que toda vestimenta que não proteger sufficientemente o corpo das irregularidades do meio atmosphérico ou não o resguardar contra a curiosidade maliciosa dos olhos alheios não preenche o seu duplo fim hygienico e moral.

É justissimo em beneficio dessa campanha que se levanta por toda a parte contra o exaggero da moda feminina, que, ora se vão alinhar aqui algumas considerações opportunas e que denotam da parte de quem tem as responsabilidades de um estabelecimento de educação, frequentado por cerca de 500 de moças, o desejo de pô-las a salvo e ao abrigo de censuras tão razoaveis.

Desde muitos annos já que em nossas modestas lições de Pedagogia, todas as vezes que temos de abordar, quer o assumpto do vestuario em educação physica (Dr. da Praga, nem) quer outro que se tenha relação com a decencia individual do professor, sua apparencia, ou outra qualquer, apraz-nos tratar a questão das

modas femininas. e, quiçá, também, das masculinas, para mostrarmos, servido pela ironia, que Socrates já aconselhava como methodo de educar, quanto as modas se afastam dos primordiaes interesses da hygiene e, ás mais das vezes, da moral, no seu aspecto geral, e mais particularmente, pedagogico.

Ora, è a absoluta desconformidade com o clima e a estação de anno, entre nós. Sabe-se que a velha capital de mundo intellectual e Paris, de onde è lançada a moda através do seu grande numero de revistas e magazines profissionaes. Deve também ser sahido que não combinam as estações do anno, lá e aqui, uma, porque lá existem quatro, e aqui, uma só, ou aliás, duas; outra, porque ellas se desencontram nas epocas do anno solar.

O inverno, que começa em dezembro é finda em março, e o verão, que se inicia em junho e se prolonga até setembro, teem modas especiaes e vestimentas apropriadas, que só nos chegam em epocas differentes, por isso que dezembro, janeiro e fevereiro são para nós mezes de grande calor e estiagem, ao passo que em junho, julho e agosto chove bastante aqui.

A moda dos figurinos, assim que chega, é logo imitada por alguém: está lançada. Seguil-a é uma *necessidade*. Não tardam as imitações grotescas e mais geraes, e eis que, em pleno inverno, aqui, as senhoras e senhorinhas exhibem trajés leves, de fazendas finas, sem qualquer abrigo, porque é moda, è *chic* e devem ser usados. Outras vezes, no vigor do verão, veem-se vestimentas grossas, de fazendas pesadas e modelos retorçados, com o fito de preservarem do frio athmospherico, aliás, inexistente.

Ainda não é tudo.

A moda segue a exquisitece ou o *bon gosto* das profissionaes parisienses ou cariocas, nem sempre orientadas pelas exigencias rigorosas da hygiene do vestuario, do decôro individual ou da pureza feminina, mas, procura, em regra, o maior proveito na sua especulação commercial, a proposito da inexperiencia de umas e do despudor de outras clientes. Dahi, o *grande mal*, que lavra de norte a sul,

onde os exaggeros da moda extravagante contaminam assustadoramente todo o sexo bello, a ponto de espiritos picarescos predizerem, para epochas não mui remotas, o regresso ao estado natural primitivo, caso não tenham côbro as condemnaveis exaggerações da moda . . .

Somos dos que não dão valôr a essa predição, porque não a fariamos, principalmente, confiando na eterna mobilidade do gosto feminino.

A' moda actual, que requinta na amplitude do talhe, na quase ausencia das mangas e na economia das saias, podem dentro em poucos mezes, succeder os collarinhos altos, as mangas até á palma da mão e as saias de arrastão, que conduzem, pelo pavimento á fora, além do pó e do lixo que encontram, as economias do pobre pae de familia...

Pelo menos, é o exemplo da historia das modas.

Aos saltos Luiz XV succedeu o calçado de tennis, com a mesma facilidade com que as saias estreitas e altas foram substituidas pelas mais largas, de pregas e mais baixas.

Si fosse possível, hoje em dia, fazer uma exposição completa do vestuario feminino, e, digamos, do masculino, desde vinte annos a esta parte, pasmaríamos deante do ridiculo de uns e de outros e chegaríamos á convicção do triste papel que desempenha o nosso tenham bom gosto em face da especulação das modistas e dos alfaiates encarregados de lançarem a moda.

No que concerne ao vestuario masculino outras observações pittorescas devem ser feitas, para pôrmos em revelo o consumado ridiculo com que a mocidade, não sabemos si desprevenida, ou si acintosamente falta de moral, exhibe a sua tôrva silhouette, para certamente confundir-se, pela extravagancia das toilettes, com os seres de outra variedade, que não é a masculina.

Ora a bota ora o chapéo, ora, o traje mesmo, ora os annexos, collarinhos, gravatas, lenços, bengalas, variam de mez a mez, de semana a semana, chegando ao exaggero, santo Deus!, de serem usa-

dos o pó de arroz, a pubeira e até, o espartilho!...

O ser humano, a que se chamam, por desfastio, de *almojadinka*, de flagra, ineluctável, a inversão da especie e atira sobre si e, talvez, sobre todo o seu sexo, o estigma de constantes ciúfas e de remoques tremedidamente justos.

E, porém, de lamentarmos profundamente que esse eterno vac-e-vem da moda não a encaminhe para o estabelecimento da nossa moda unica, de uma vestimenta caracteristicamente nacional, em que se retractem os nossos habitos ancestraes combinados com as vantagens da hygiene e as exigencias do decro de cada sexo.

Como é bello e decente o traje nacional caracteristico das hollandezas, das montenegrinas, das escossezas, das chilenas, das italianas e das portuguezas! Cente feliz, que vive alheia ao requinte da civilização das avenidas e dos boulevards e conserva a simplicidade dos trajes locais e das suas cores caracteristicas, toda a essencia das raças fortes de que descendem e que se perpetuam através de de um dos seus bellos aspectos: o bom gosto.

Quão suggestivo e grandioso seria, para os nossos estos de patriotismo, que se estabelecesse e cultivasse o traje brasileiro, definindo e caracterizando, por toda a parte, a nossa esthetica e os traços do nosso patriotismo!?

Mas, tal coisa se nos afigura cada dia menos praticavel, haja vista o exaggero das modas e a sua immensa variabilidade, e o seu flagrante contraste com o que se poderia intitular de *traje nacional*.

Não quer isto dizer que damos o nosso apoio e applaudimos o traje caracteristico dos nossos sertanejos: a *coirama*, isto é, *vestea*, *perneiras*, *guarda-peito*, *chapéo* e *sapatos de couro*, para todos os momentos da nossa vida social de povo civilizado.

Não; que esse traje profissional, semelhante ao que usam os marinheiros, soldados, mactinistas, &, comquanto defina uma raça e um character, não está em condições de ser generalizado, sobretudo, pela sua rudesza, pela sua falta de conforto e pela descon-

formidade com o *meio* physico, que nem sempre è o cerrado da matta ou o *carrasco*, nem com a actividade dos que a utilizam : a *pega do gado*.

Assim como, hoje em dia, cada nação, cada povo procura valorizar os seus productos e elevar os seus caracteres especificos, em frente uns dos outros, devemos nós banir dos nossos costumes, a macaqueação servil das modas ridiculas, anti-hygienicas e nem sempre moraes, substituindo-as pelos trajes simples, confortaveis e bellos, que realçam a belleza de quem a possuir, mas, não deflagram nem augmentam a magrem e a realdade de quem as tiver. . .

Por essas razões e por outras que de prompto não nos occorrem, é que, na direcção da Escola Normal, tivemos de adoptar um traje especifico para a classe de callisthenica, tão simples, modesto e confortavel quanto rigorosamente moral e hygienico, com o qual a belleza das nossas discipulas realça e se aprimora, enquanto que se torna possivel toda a liberdade de movimentação necessaria á aprendizagem e á pratica da gymnastica suíça.

Considerando tambem que, em classe primaria, quando a normalista faz as vezes de mestra e ensaia as suas propensões pedagogicas, num meio puramente escolar e apropriado, fizemos determinar que o mesmo traje fosse usado nos dias de pratica escolar a que ella é obrigada pelo regulamento.

E, ainda desejando fazer distinguir e assignalar, onde quer que se apresentem, as nossas dignas alumnas, é que pretendemos tornar obrigatorio, no proximo anno escolar, o uso da vestimenta já adoptada, para todos os trabalhos da Escola, como prova de uma regularidade, que bem se coaduna com a natureza das funcções a que se vão destinar, de futuro, que è a formação, pela escola primaria, dos novos espiritos verdadeiramente amantes do que a natureza lhes concedeu na terra, nos costumes, nas virtudes e nos habitos caracteristicos da nossa nacionalidade.

Oxalà, consigamos realisar essa aspiração, sem que se nos deparem os entraves que a pouca decencia das modas, a caturrice ou a ignorancia de alguns

interessados sóe oppôr ás medidas que visam o melhoramento moral e material das classes escolares.

Bem hajam, por conseguinte, os que, como nós assoberbados de responsabilidades, pelejam a bôa peleja da decencia do vestuario feminino, em nome da moral, da hygiene e da Religião !

*Nestor Lima.*

## A acção social e educativa da Escola Domestica

A Escola Domestica de Natal está a manter um desenvolvimento na sua acção social e educativa muito além das previsões de seus fundadores.

Aquillo que, no começo, visava o aperfeiçoamento das qualidades femininas da dona de casa vai se encaminhando para a solução do problema moderno do feminismo que colloca a mulher a par do homem, como factores iguaes de actividade e de progresso.

Nas transformações que a grande guerra trouxe a muitas idéas anteriores, figura em primeiro plano a acção da mulher na vida dos povos, não mais como simples compinheira romantica do homem, a mãe de familia confinada no recesso do lar, porém a força activa e efficiente, força por vezes dirigente, influindo e participando em todos os domínios da actividade humana.

O advento do christianismo foi a libertação da mulher elevada, perante a religião e a moral, ao mesmo nivel do homem. O cataclismo mundial, que abalou a civilização occidental, quebrou as ultimas cadeias com que os preconceitos sociaes e politicos prendiam a mulher num pressuposto mal entendido de inferioridade que nem a sciencia, nem os factos justificavam.

A Escola Domestica constituiu-se o cadinho onde, em nosso meio, se estão apurando as qualidades superiores da mulher norte-riograndense, que dizer da mulher brasileira.

A diplomação da primeira turma de alumnas revelou nellas qualidades litterarias, capacidade de estudo, dotes de observação que levaram a direcção da Escola a encaminhar o pensamento das alumnas para estudos mais serios, de indagação mais positiva.

A prova do bom resultado desta orientação tivemos-la nas theses de formatura que iam ser lidas pelas alumnas diplomadas, este anno, Alzina Avevedo e Ignez Dantas.

A primeira these è um capitulo bem desenvolvido e bem estudado sobre a acção social da mulher brasileira, acção de primeira ordem nos meios de pequena como nos de grande cultura onde ella é chamada a agir como factor preponderante na sociedade civil e politica.

Muitos de nós que vamos descendo na jornada da vida temos alguma coisa a lucrar na leitura das considerações apresentadas na these, que sinto-me feliz em incorporar a este estudo, illustrado assim com as manifestações de um bello espirito feminino.

## A dona de casa como cidadã

Um dos factores da vida brasileira que deve merecer todo o cuidado é a alimentação.

Nas classes abastadas do nordeste do paiz, a alimentação é excessiva comparada com o modo de vida individual. Communmente, consomem-se alimentos proteicos ou amylaceos em demasia, o que não seria inconveniente num clima frio, ou mesmo nos climas quentes, si a pessoa fizesse grande esforço muscular.

Em contraposição a este grande consumo de alimentos productores de calor e tecido muscular, vem o emprego deficiente de vegetaes verdes e de fructas que, com maioria de razão, deveriam constituir a maior parte do nosso alimento, tendo-se em consideração os rigores do clima e o modo de vida do individuo.

Como vemos, alimentamo-nos, ao contrario do modo em que nos deveriamos alimentar. Uma vez que habitamos um paiz quente, não devemos tomar alimentos que venham dar ao organismo mais calor do que é preciso e sim envidar todos os esforços para attenuar os effeitos dos rigores da natureza por meio de alimentos refrigerantes e saudaveis, como verdu-



ras e fructas, não querendo isto dizer que se adopte uma dieta demasiadamente severa.

Nas classes pobres, a miseria impõe uma alimentação deficiente e menos rica de nutrimento, ou antes impropria e desproporcionada. O operario trabalha demais e não pode ter o conveniente regimen dietetico exigido pela quantidade de tempo gasto no trabalho e pela natureza deste. A falta de conhecimento do assumpto e a ausencia de meios de melhor subsistencia tornam geralmente o operario fraco e menos disposto para o trabalho, dando motivo a que se diga que o brasileiro é indolente. O sertanejo, no dizer de Euclydes da Cunha, "é, antes de tudo, um forte", mas é por vezes indolente, no dizer do mesmo escriptor.

E não são somente os pobres que soffrem os effeitos desta alimentação deficiente. Muitas pessoas vivem no meio em que a Providencia as collocou, sem examinar si este meio é bom ou mau, e desconhecem as coisas e pessoas que as cercam. Isto é devido á indifferença, negligencia ou incapacidade para ver e entender. E tudo isto explica a razão pela qual, muitas vezes, algumas pessoas não modificam os métodos, que, tendo sido efficazes ás necessidades de ha quarenta ou cincuenta annos atrás, não são applicaveis ás necessidades de hoje. E este defeito que altera o character de um povo forte é devido quasi exclusivamente á alimentação. E' logico então que necessitemos saber mais ou menos o que devemos receber diariamente para estabelecermos um bom regimen alimentar.

Uma pessoa que trabalha physicamente precisa mais ou menos de 3.800 calorias por dia distribuidas da seguinte maneira:

150	grs.	de	proteina
25	"	de	verdura
630	"	de	hydrocarbonato

Como os mineraes, inclusive a agua, não têm valor calorifico, não foram contemplados aqui. Devemos entender que a palavra caloria é simplesmente o termo usado para expressar o valor de qualquer substancia alimenticia para o organismo.

Entre nós, um adulto que pesa 60 a 70 kilos, deve receber approximadamente 2.500 a 2.600 calorias diariamente, variando conforme o individuo, seu trabalho, sua idade e o clima. O que torna defeituoso este regimen alimentar é a facilidade que se tem de adquirir carnes, productoras de calor em abundancia e a dificuldade de se obterem fructas e vegetaes, constante e abundantemente.

Cabe á dona de casa, que é sempre a mais interessada e deve ser a mais entendida neste assumpto começar o esforço afim de melhorar as condições actuaes. O que ella precisa comprehender é que a dona de casa é cidadã desta republica, tanto quanto o homem é cidadão e tem suas responsabilidades

para com a Patria e seus deveres civicos que cumprir. Não ha ninguem a quem este appello possa ser tão propriamente dirigido. Nunca os encargos foram collocados tão pesadamente sobre os hombros da mulher como agora. E' que ella tem de passar de simples consumidora a productora. Hontem, a dona de casa precisava occupar-se igualmente nos labores domesticos. Hoje, devido ao progresso do mundo, já estes labores diminuiram um pouco.

Parece, a principio, por ser possível comprar o artigo em vez de fabrical-o, que a consumidora moderna se torna livre de toda a responsabilidade. Infelizmente, mesmo algumas senhoras pensam assim, enganando-se, pois, ao escapar ao trabalho manual, a mulher vae realmente de encontro a novos privilegios, isto é, responsabilidades.

Quando a roupa, os alimentos e outros artigos são feitos em casa, a mulher determina, por fiscalização pessoal, que sejam do melhor material disponível. Da mesma maneira, ella hoje deve pessoal ou collectivamente, assegurar-se dos melhores padrões de pureza e hygiene nos artigos comprados. Noutras palavras, uma parte do tempo que se economiza, comprando-se artigos já promptos, deve a dona de casa empregar em esforços para melhorar as condições do operario, executando planos praticos neste sentido. E precisamos considerar que uma compra efficiente é baseada tanto no preço como no valor, na qualidade, &.

E' preciso, então, antes de tudo, fazer augmentar a cultura de verduras e fructas e melhorar os meios de exportação e venda destes productos.

A iniciativa deve surgir dos cidadãos e não do Governo, embora este possa e deva animar-a de muitas maneiras praticas. E esta iniciativa pode ser muito acertadamente das donas de casa.

Ha trez planos que nos parecem inteiramente bem praticaveis, dois dos quaes aproveitariam duas forças latentes que assim se tornariam muito mais uteis tendo esta oportunidade de trabalhar. Estas duas forças são as professoras publicas e particulares e as ligas femininas.

Creemos que os homens publicos ainda não avaliaram a influencia que a mocidade escolar pode exercer para o bem geral. A professora ou o director de um grupo escolar tem oportunidades innumeradas para inculir estes principios, si tiver boa vontade e coragem.

Podem-se organizar *clubs* de agricultura, interessando-se os seus membros nas condições hygienicas do mercado local, na venda dos productos, nos melhoramentos possíveis, no que a Intendencia poderia fazer &, tendo como guia o professor (e permittam-me dizer aqui que a Intendencia deveria ser grata a um movimento como este e estimulal-o).

Achamos bastante interessante o modo de ver de um intendente com quem conversámos uma occasião a respeito dos meios de animar a venda de productos alimentares. Elle

advoga a feira livre, dizendo, para animar o povo, se devia deixar a principio tudo a vontade dos vendedores, não havendo fiscalização, nem sendo exigida ordem alguma na exposição dos productos e sem regulamento algum durante o primeiro anno. Só mais tarde, a Intendencia tomaria conta.

Ora, a feira livre é optima, porem não sem direcção. O que a Intendencia deve fazer é tomar conta, desde o principio, não permittindo aos vendedores adquirir maus habites, mas, desde o inicio, aproveitando a feira para educar o povo, levantando-lhe o espirito, fornecendo-lhe pessoas idoneas para lhe dar suggestões praticas sobre a melhor maneira de cultivar e expor os productos, promovendo exposições, &c.

Poderiam organizar exposições municipaes de productos, aproveitando-se esta agglomeração para ter uma especie de congresso sobre assumptos concernentes aos problemas locais. O Ministerio da Agricultura é um departamento federal que está em condições de prestar serviços valiosos em taes occasiões, mandando especialistas para instruir o povo. O valor social de um congresso desta natureza é incalculavel. Naturalmente terá inicio primeiro em alguma villa ou municipio progressista e se espalhará dahi até os pontos mais remotos. Dizemos que a professor ainda não sondou as suas profundidades no sentido do serviço publico. O seu papel de inspirador deve ser utilizado.

O nosso segundo plano são as associações cooperativas.

A cooperação entre os vendedores e consumidores, quer dizer da parte destes, na sua maioria donos de casa, desempenhar mais interesse e obter mais conhecimentos acerca das circumstancias e que os vendedores são obrigados a produzir e, da parte do vendedor, significa um estudo das necessidades do comprador e um esforço para attender mais economicamente ao bem estar reciproco.

Estas associações não somente viriam trazer beneficios incomputaveis para os associados e para a população, como seriam a revelação de uma nova fonte de riqueza para o paiz.

O nosso terceiro plano é a Liga Civica Feminina que teria por fim estudar as condições locais, tendo reuniões regulares para discutir os problemas e determinar os modos de agir.

Dizem por ahi que, quando os homens se juntam já se sabe que é para tratar de politica, e as mulheres da vida alheia. Ora, o primeiro cuidado desta nossa Liga deveria ser fugir ao perigo de cahir em qualquer um destes dois vicios. Não é bom o cidadão que critica o Governo que elle mesmo elegeu. Não será tambem o papel desta Liga pugnar pelo voto feminino. Isto virá a seu tempo. O que queremos agora é boa alfaca e outras hortaliças, leite puro e hygienico, donas de casa preparadas e bem comprehendoras da sua responsabilidade, e comunidades que prestem a attenção devida á educação, hygiene e outros problemas serios.

Agora a coisa tem de começar com organizações puramente locais, o que exige das donas de casa destas localidades o dever de se interessarem neste assumpto, por iniciativa propria.

Naturalmente, com o correr do tempo e o adiantamento da idéa, algumas ligas locais, por interesse reciproco, se unirão, e, assim, é bem possível organizar-se uma união estadual. As necessidades, porem, de cada localidade serão tratadas pela Liga local, apenas como cabeça.

E quaes são os assumptos pelos quaes a Liga deverá se interessar ?

Ver que a professora ou o professor desempenha satisfactoriamente suas attribuições, que o predio em que o Grupo funciona seja devidamente installado, que o mercado receba as attentões e cuidados necessarios, que se amparem as creanças e pessoas desvalidas, e procurará proporcionar uma sociabilidade sã á mocidade local, promoverá divertimentos a um tempo moraes e instructivos, e assim por diante. Cada momento trará as suas necessidades. E donas de casa e mães patriotas devem attender ao appello destas necessidades. Deste modo, ellas hão de concorrer com a sua cooperação para uma obra de grande proveito social e economico.

Infelizmente, não ha no Rio Grande do Norte agua abundante em todos os municipios, o que faz um tanto difficil, mas não impossivel, a realização destas idéas. O que temos de fazer é aproveitar os logares onde a temos, os quaes rão são poucos. Dependerá isto apenas da iniciativa individual, digamos, feminina.

*Alzina Azevêdo.*

A outra these é o perystilo de uma grande obra educativa e social que a mulher tem de realizar, começando pelo lar, passando pelas fabricas até chegar ás organizações operarias.

O trabalho domestico tem sido, entre nós, sempre descurado, digamos mesmo, amesquinhado, porque muitos sentem, mas ninguem quer lhe reconhecer o valor.

A alumna Ignez Dantas tem se educado, desde o berço, numa athmosphera de trabalho que teve maior e mais forte eclosão nos cursos da Escola Domestica. Ella, como muitas outras patricias, tem tido muitas vezes os seus caprichos de vaidade feminina satisfeitos por meio desses adornos admiraveis das rendas de nossa terra que julgariamos fabricadas por mãos de fada, quando na realidade o são.

por mãos rudes de operarias que vivem num estado por vezes bem perto da miseria.

A Escola Domestica ensinou-a a considerar todas estas coisas não só sob o ponto de vista do dever de solidariedade humana que nos prende a todas estas creaturas até agora abandonadas, como também sob o aspecto social e economico do desenvolvimento de uma grande industria.

Todos lerão com prazer os periodos em que a alumna Ignez Dantas, na simplicidade de sua narrativa, adquiriu o direito de figurar neste quadro, pela maneira por que soube dissertar sobre

## As rendas de nossa terra

O assumpto que escolhi para delle me occupar com todo interesse é um tanto original, mas vejo, a par de sua originalidade, um valor immenso para nós, brasileiros, que necessitamos engrandecer e augmentar, com toda energia e coragem, os nossos productos.

O que mais me anima neste momento são as rendas que, incontestavelmente, nos são muitissimo uteis.

A industria da renda está dividida em dois grupos bem distinctos: a renda de agulha e a de bilro, sendo esta preferivel áquelle, porque é mais delicada e graciosa.

Citarei, primeiramente, a historia primitiva das de agulha, que é bastante interessante e que muitos ignoram.

Foi no fim do seculo XV que as rendas começaram a apparecer, porque, antes disso, as mulheres do Oriente empregavam os tecidos finos em lugar de rendas. No seculo XVI, nasceu o uso das golas altas e, com ellas, teve inicio a industria de rendas. Catharina de Medicis, rainha da França nesse tempo, entusiasmada com esta invenção, o que sempre acontece ás mulheres ao verem coisas novas e bonitas, contractou o italiano Frederico Vinciolo para confeccionar os desenhos e foi, desde esse tempo, que começaram a fabricar as rendas de agulha, inventadas pelas monjas da ordem do «Coração de Jesus». Foi em Veneza que o fabrico das rendas se tornou mais aperfeiçoado. Justamente nesse tempo, appareceram as rendas de bilro, que são mais apreciadas que as de agulha, devido á delicadeza e perfeição. Não se sabe por quem foram estas inventadas, julgando-se, porem, que o tenham sido por Barbara Uttman, uma allemã que morava em Saxonia, nos meados do seculo XVI e dahi se espalharam pela Hollanda e a França.

O primeiro nome dado ás rendas de bilro foi o de passamanes, pois só os passamaneiros, isto é, fabricantes de ga-

tes e bordados de ouro e velludo, tinham o direito de as fabricar e vender.

Estas rendas tiveram em França um grande exito e sua perfeição tornou-se bem distincta. No seculo XVII, os francezes começaram a exportal-as, devido á grande abundancia naqu'elle paiz.

Tão grande foi a ancia das rendas que diziam «vendem os homens ricos suas terras para possuir algumas rendas e perderem as mulheres o juizo».

Foi desmedida a riqueza da França, nesse seculo, com o fabrico e venda das rendas. Relatam alguns escriptores que esse periodo revolucionou toda a França, inclusive a Côrte, a nobreza e o proprio clero, que, ainda hoje e em toda parte, não dispensa das suas vestimentas o ornato das rendas mais bellas e artisticas. Da França se espalhou a industria por quasi todo o mundo, sendo que, quando chegou para nós, talvez trazida pelos hollandezes no começo de nossa civilização, sua perfeição e delicadeza tornam-se incomparaveis.

O methodo pelo qual as rendeiras fabricam as rendas é muito curioso; usam uma almofada sobre a qual collocam um papelão no qual se vê o desenho que deve ser reproduzido. Costumam prender as extremidades do papelão com espinhos de cardo que bem serve n' para este fim. As linhas que se destinam para formar a renda são enroladas em bilros. Para cada linha é preciso um bilro. A medida que vão fazendo a renda, vão lhe pondo alfinetes e desenrolando a linha. Essas almofadas são guardadas pelas rendeiras com asseio e tomam parte nos seus mais caros affectos.

Algumas rendeiras costumam escrever nos bilros das almofadas tudo que se passa com relação a sua vida intima; umas escrevem num bilro a data do seu nascimento; noutro, o dia do baptismo; e em um terceiro, o nome do noivo; num outro ainda, a data do casamento. E assim por deante, de modo que as almofadas se tornam ainda mais estimadas pelas rendeiras, principalmente as que relatam todas as passagens tristes e felizes da vida intima destas, num verdadeiro jornal sagrado.

Para cada ponta que fazem, ha lendas bellas, creadas na edade media, e que hoje ainda se repetem em muitos logares. Uma das mais interessantes é a chamada «Ponto de Rosa», que é a seguinte: Havendo um marinheiro chegado de longas viagens que fizera pelos tropicos, trouxera lindos e preciosos presentes para a sua idolatrada noiva. Na vespera do casamento, elle foi obrigado a embarcar e partir para paizes longinquos, deixando a eleita de sua alma bastante triste; ella, porem, achou que não deveria chorar e reprimia as lagrimas contemplando os presentes que recebera do noivo querido, os quaes mantinha em finas e delicadas rendas preparadas por ella e guardadas como reliquias sagradas. Passados muitos annos, o marinheiro voltou e, no dia das nupcias, toda a aldeia poude apreciar os maravilhosos pontos das bellas e

delicadas rendas que cobriam a cabeça da noiva. Desde então, diz a lenda, o lindo «Ponto de Rosa» tem sempre embelezado a cabeça das rainhas e das grandes damas, no dia do noivado.

Outra lenda, também bastante interessante, é a que um homem de sciencia passara toda a sua vida a ensinar as largas a fazer rendas. Quando já velho ponde terminar a sua ardua tarefa. Sabendo, então, que a filha do rei contractara casamento, decidiu dar o seu valioso trabalho á joven princeza. E assim o fez. Quando porem, chegou á presença do monarcha, o velho sciencista offereceu, de todo coração, o fructo do seu trabalho a sua magestade. O rei, estando quasi cego pela idade e pela cataracta, abriu a caixa e nada viu; tacteou para verificar si percebia com a mão e nada sentiu. Julgando, então, que o velho sciencista o queria enganar, ordenou que este fosse executado immediatamente. Só de pois da execução, foi que alguns validos d'El-Rei viram que, de facto, na caixinha de sandalo perfumoso, estava um finissimo, véo, quasi invisivel ás melhores vistas e pouco perceptivel ao tacto.

A industria de rendas não tem recebido de nós a merecida attenção; o mesmo, porem, não se tem dado nos outros países. Como exemplo da grande importância dada a esta industria, temos a Allemanha fabricando á Mechlin; a França fabricando, principalmente, Valenciennes e a Inglaterra, a Honiton. Outros muitos países também têm mais ou menos comprehendido o alto valor desta industria tão descurada entre nós.

Um dos motivos pelos quaes a industria das rendas não tem recebido a devida attenção aqui no Brasil é o facto que a maioria das nossas moças não lhe dão o devido cuidado, preferindo a lornar seus vestidos com rendas estrangeiras, ás vezes menos bonitas e quasi sempre mais fracas, a usar as nossas rendas que têm no estrangeiro conquistado um lugar muito alto entre as pessoas que cultivam o bello a par do útil.

Si as nossas rendeiras fossem estimuladas devidamente, veriamos os prodigios que ellas são capazes de fazer. Temos apreciado o trabalho de algumas que não têm a minima noção de desenho, mas que inventam rendas tão bellas que nos extasiam.

Pode nos dizer que as nossas rendeiras são artistas natas, que, tendo vivido um meio sem cultura creadas sem conforto, algumas abhuzadas pelas necessidades, muitas vezes não tendo o pão para matar a fome, trabalham com uma perfeição admiravel, operando as suas maravilhas por um simples instincio ou dom que herdaram das mães e que, por sua vez, transmitem ás filhas, o que acontece de geração em geração.

Não pode nos imaginar como uma mulher ignorante, sem a minima cultura, possa executar obras tão lindas e preciosas. Ellas trabalham na sua maioria, sem ordem, sem conforto, sem o tempo necessario, tendo mil coisas que fazer na mesma hora, sentadas na arcia, rodeadas dos filhos que as chamam de quando em vez, das filhas ás quaes procuram en-

slinar a arte desde creanças, cercadas quasi sempre das galli-  
nhas e porcos que criam, deixando por vezes a tarefa em que  
se empenham para atizar o fogo, temperar a panella, lavar a  
roupa da caza, que sei eu?... para attender aos mil labores de  
uma dona de casa pobre que tem de fazer todos os serviços.

E estas rendas sahem perfectas e limpas como si a ar-  
tista que as executara tivesse todo o conforto e uma sala de  
trabalho convenientemente preparada.

E estas rendas com tanto sacrificio feitas, são depois  
vendidas por um preço que mal cobre as despezas das linhas  
e alfinetes, deixando alguns vintens á heroína que as executou.

E estas pobres creaturas trabalham sempre assim, sem-  
pre felizes, sem uma queixa, alegres, quando podem colher do  
seu trabalho de mezes in eiros um dinheiro minguado, com  
que se illudem, julgando ter sido a recompensa perfeita de  
trabalho tão penoso.

Não poderíamos melhorar a situação destas pobres crea-  
turas de tanto merecimento? Outros paizes têm feito bas-  
tante neste sentido.

O governo francez fundou uma companhia dedicada a  
este genero de trabalho, tendo a séde em Pariz, abrangendo,  
porem, as cidades e villas em que a arte era praticada ou co-  
nhecida. Muitos outros paizes têm fundado sociedades que se  
dedicam exclusivamente a proteger as mulheres que exercem  
esta profissão. Uma das sociedades ins'tituidas para este fim,  
que mais me agradou foi a fundada pelo governo da Austria,  
a qual se encarrega de enviar professoras idoneas de cidade  
em cidade para ensinar, ou melhor, para aperfeiçoar a indus-  
tria das rendas.

Cabe a nós, queridas patricias, a iniciativa desta tarefa  
generosa. Demos mais valor ás nossas rendas, não despresando  
o que é nosso pelo simples facto de ser nosso; vejamos nel-  
las a verdadeira belleza que têm; auxiliemos com o nosso con-  
curso e apoio incondicional estas creaturas; procuremos ar-  
ranjar um meio de as ajudar e de incentivar o progresso da  
arte. Busquemos familiarizar-nos com as rendeiras; estudemos-  
lhe os meios, suas necessidades e difficuldades e esforcemo-  
nos por melhorar-lhes a situação; luctemos por conseguir o  
apoio e auxilio do governo neste ten'amen.

Estamos certa de que todo o esforço empregado neste  
sentido redundará em beneficio da Patria querida, pois, tendo  
incentivado esta industria, teremos melhorado as condições de  
um sem numero de creaturas soffredoras e dignas, incremen-  
tando, portanto, suas fontes de riqueza.

Como poderíamos conseguir isto? Colligando-nos desin-  
teressadamente, fundando gremios que procurem os meios de  
aperfeiçoar a arte, de proporcionar conforto ás mulheres que  
a ella se dedicam, de arranjar os mais bellos desenhos; numa  
palavra, desenvolvendo a arte e protegendo as artistas, em  
todos os sentidos.

*Ignez Dantas.*



A mulher está, hoje mais do que nunca preocupada com as coisas serias, transformando o velho conceito de “anjo do lar” no principio moderno de dona de casa.

Em França, considera-se, sobretudo agora, o papel da mulher nas fazendas tão importante, sua influencia sobre o homem para prendel-o ao solo tão grande que uma lei recente, de 2 de Agosto de 1918, julgou indispensavel crear um ensino para as moças paralelo ao que existia para os rapazes, porque a instrução profissional da moça é socialmente necessario no interesse superior da collectividade.

Nos termos dessa lei, o ensino domestico em França é dado em escolas fixas, escolas ambulantes e na Ecole Supérieure et ménagère de grignon, em casos que vão de seis mezes a seis annos.

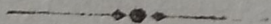
A instrução, ao mesmo tempo theorica e practica comprehende geralmente cursos e trabalhos manuaes adaptados às condições economicas da região. O programma prevê a economia domestica (papel da mulher : habitação, alimentação, puericultura);—a cosinha (provisões, preparações culinarias, conservas, confeitos);—o corte e a costura, lavagem e engomado; a contabilidade agricola;—os trabalhos de leitaria, queijaria, apicultura, arboricultura fructifera;— a horta e o jardim; -- o gallinheiro; -- a criação de gado; - as obras de mutualidade agricola &&.

Depois de passarem pelas escolas domesticas, as moças continuam a instruir-se nos *Circuitos de Fazendeiras*, que têm por fim trabalhar pelo progresso e a difusão da sciencia domestica e agricola, desenvolver o amor do lar e o apego ao solo. Os circuitos não são simplesmente associações de recreio, porem, sobretudo, organismos de ensino servindo de prolongamento às escolas domesticas. Elles se dirigem às antigas alumnas dessas escolas desejosas de aperfeiçoar seus estudos e a todas as mulheres em geral, para lhes procurar os conhecimentos profissionaes domesticos que lhes são indispensaveis.

A Escola Domestica de Natal, desde 1919,

creou os Clubs de Extensão, que funcionaram como organismo mais ou menos identico.

*Manoel Dantas.*



# Justiça e Caridade

(Trad.)

—«Eu preciso dinheiro. E vós comprehendereis;  
Si o aluguel não pagaes, amanhã, partireis».

*Esta terrivel vòz a pobre mãe ouvira  
E o sorriso em seu labio logo se extingüira.  
Que iria agora ser dos seus cinco filhinhos,  
Amores de sua alma, implumes passarinhos?*

*Havia tanto tempo . . . A molestia implacavel  
Lançara o esposo, um dia, em leito miseravel.  
E a morte, indifferente ao pranto da saudade,  
Deixou-a em viuvez e os filhos na orphandade.  
Corajosa, porém,—a alma de dor partida—  
Enfrentou, sem temer, os revézes da vida,  
Nos ageis dedos seus não parou um momento  
A agulha, a procurar o vestido e o alimento.  
E, enquanto prosegüia a sua luta infinda,  
Mais dura provação lhe trouxe a sorte, ainda!  
Fôra embalde o trabalho! A tortura a consome,  
E aos filhos não tem mais com que matara fome.  
Até que um dia soffrê a dura humilhação  
De ver os moveis seus vendidos em leilão!*

—«Inda esta nova dor! Eu minha já é tanta . . .  
«Mas faça-se, Jesus, vossa vontade santa! . . . »  
E, ajoelhada ficou na angustia do seu horto,

A supplicar ao Ceo a esmola de um conforto.

Sua casa é invadida. A mobilia é tão pobre,  
Que o diminuto preço a divida não cobre.  
Será tudo vendido: As cadeiras, a banca,  
As camas e o armario, a arca da roupa branca,  
E o relógio que alli, marcava, ha tantos annos,  
Minutos de esperança, horas de desenganos.  
— Objectos sem valor, mas, que ao seu coração,  
Valiam mais que o oiro — uma recordação!

E a venda começou... Tudo silencio estava,  
Do pregoeiro somente o brado se escutava!  
Assistindo da scena o negro barbarismo,  
Lembrava a pobre mãe a imagem do Heroismo.  
De subito, porém, o coração lhe treme:  
Ella corre ao pregoeiro e entre soluços geme:  
— «Senhor, deixae!» Soltára em desespero um grito  
E se enchera de horror o seu olhar afflicto!  
E' que do vil pregoeiro a estulta sordidez  
Ia o Chrisio vender pela segunda vez.

«Tudo, tudo si foi... e eu a nada me oppuz...  
«Mas agora, Senhor, respeitae esta cruz!  
«Foi nella que, ao morrer, no' supremo desejo,  
«Minha mãe imprimiu seu derradeiro beijo.  
«Deante dell'a ensinei em extasis divinos,  
«A primeira oração aos filhos pequeninos.  
«E é ao pé dessa Cruz que os seus labios imploram  
«O perdão para os maus e o alivio dos que choram.  
«E' um thesouro de amor que me ufano de ter  
«E lhes hei de legar na hora em que morrer.  
«E' della que me vem, num milagre sem par,  
«A graça de soffrer e não desesperar!»  
Mas, sem consolo achar á sua dor terrivel,  
Ouvira do pregoeiro a resposta: «Impossivel»!  
«Baldado é vosso pranto, é em vão vosso pedido».  
«A ordem foi formal: será tudo vendido.»  
E levantando a cruz e se fazendo visto,  
Começou, impiamente, a apregoar o Christo:  
«Vejamcs! Quem dá mais? Uma cruz de madeira?»

Vinte!.. Trinta mil reis!... Não ha mais quem  
(queira?)»

.....

Este estranho pregão o auditorio domina.  
Mas, logo se levanta uma voz feminina  
«Setecentos mil reis,... oitocentos... um conto  
— «E um engano, Senhora, e a tira-lo estou prompto:  
«E' de madeira a Cruz; e vêde-a, sem valor!»  
«E' um conto de reis que offereço, Senhor!»  
«Pois bem! Nada direi!» diz sorrindo o pregoeiro,  
«Si vos apraz assim, perdeivosso dinheiro!»

.....

A pobre mãe feliz surpresa e reconhecida  
Os felhinhos levou ao pé da desconhecida.  
E na grande emoção que a sua alma innundava  
Emquanto de alegria o pranto seu jorrava,  
Pergunta: «Vosso nome? O' vòs, cuja bondade»....  
— «Mulher, que importa um nome?  
— Eu sou a Caridade.»!

Carolina Wanderley.

1921.

.....

## Escolas Rudimentares

As Escolas Rudimentares creadas pela ultima Lei de Ensino e ensaiadas agora pela benemerita administração Antonio de Souza, que vem procurando encarar com visão patriótica o verdadeiro futuro e elevado alcance. Porque não é somente às populações localizadas nas cidades que os governos devem levar a instrucção.

E' justamente para esses nucleos populosos, afastados das sédes dos Municipios, onde vive consideravel numero de pessôas, a braços com difficuldades de toda ordem, que o governo precisa olhar com carinho, cuidando da instrucção desses humildes patricios, cujas aptidões, as mais das vezes aproveitaveis, se estiolam e se perdem, á falta de quem lhes ministre os primeiros rudimentos do ensino.

Todo mundo sabe que o pensamento do governo, creando essas Escolas, foi simplesmente para que os pequenos filhos do Rio G. do Norte, impedidos de frequentarem, por circumstancias diversas, os Grupos Escolares, não ficassem privados de instrucção, embora simples e rudimentar, não importa, mas, mesmo assim, porta aberta áquelles que, della se aproveitando, queiram penetrar no vasto scenario das letras, tornando-se elementos uteis á collectividade, da qual eram infimas, esquecidas e ingoradas parcelas . . .

Ah! si em todo o paiz, ao menos desde o advento republicano, os governantes levassem a todos os recantos desta maravilhosa terra, onde quer que

existisse apreciavel numero de brasileiros, a instrucção inicial por meio dessas Escolas, tão simples em seu mecanismo, mas de tão admiravel e compensadora finalidade !

Não existiriam hoje estes 16 milhões de analphabetos, morando em uma grande patria, sem poderem comprehendel-a nem amal-a, porque não se lhes abriram os olhos da alma, para que pudessem vér, em todo a sua magnificencia, a grandesa da terra que lhes foi berço . . .

Não seria tambem o Brasil o grande doente, o *vasto hospital* da America do Sul, como já foi chamado, porque, por onde passasse o professor, haviam de ficar, forçosamente, algumas noções de gygiene e prophylaxia, que o nosso povo intelligente como é, saberia aproveitar como defeza ás varias endemias que consomem e matam as suas forças vitaes.

Por sua vez a eugenia, a sciencia do aperfeiçoamento phýsico-psychico da raça, conforme foi definida, estari, senão aperfeiçoada, mas já iniciada, e menores seriam os esforços daquelles que procuram hoje realizar essa ingente obra de melhoramento commum.

As Escolas rudimentares, pois, supprindo premente necessidade, estão destinadas a prestar valioso contingente á causa do Ensino no Estado.

O tempo se encarregará de proclamar essa verdade que resalta á vista de todos. E, aquelles que por lamentavel obliteração de espirito, se insurgem contra ellas, porque os seus professores não são titulados, e aquelles que estão dellas recebendo os proventos, serão, mais tarde, os primeiros a se pinitenciar do erro em que laboravam e os ultimos a abençoar o governo que os arrancou das trevas em que viviam.

De mim, que conheço de perto os beneficios que as mesmas estão prestando á instrucção do Rio G. do Norte, só tenho louvores á administração que as está amparando e multiplicando por esses sertões em fóra, fazendo votos para que a mádida semente

espalhada germine e frutifique com vigor, para que sejam fartamente compensados os nobres intuitos do Governo.

Natal, 12—11—921.

*Severino Bezerra.*





## Caixas Escolares

---

A Reforma do ensino creando as Caixas Escolares nos Grupos e nas Escolas Isoladas, traçou um novo regimen de vida no seio da nossa instrucção primaria.

Nada mais util e mais indispensavel do que o estabelecimento das Caixas Escolares, principalmente, aqui no interior do Estado, onde os mestres luctam com serios obstaculos em relação ao ensino publico. Taes obstaculos nos parecem, ás vezes, insuperaveis e se nos apresentam sob aspectos varios, á vista dos quaes sentimo-nos invadidos de desanimo no percurso de nossos actos sempre imbuidos das mais arduas preoccupações.

É' assim que, de permeio com as luctas de sua profissão, o professor sente a falta de movimento em um circulo estreito, inteiramente limitado pelas circumstancias do meio e pelas inconveniencias das desorganisações locais.

E' o que todo o magisterio primario experimenta, em qualquer lugar, por melhores que sejam as intenções daquelles sob cuja alçada se encontram os destinos da instrucção, porque, para um exito feliz, a educação requer multiplos commettimentos, todos de fins unicamente praticos e utilitarios.

Aqui, entre nós, a população escolar se compõe, em sua maior parte, de creanças pobres, e mui-

tas dessas vivem em tão precarias condições que impossível seria a presença dellas na escola se a nossa Caixa Escolar não viesse agora dedicar-lhes grande parcella de cuidados e de atenções. Assim sendo, podemos dizer, sem medo de errar, que, dora avante se acha assegurada a educação das creanças pobres e, conseguintemente, se acham abertos novos horizontes de vida e de progresso no seio do nosso ensino official.

Razões nos sobram para decantarmos a excellencia das Caixas Escolares, pois, ellas não sò têm por mira a sorte da população infantil, como tambem encerram em si outros resultados, não menos importantes, dos quaes, de certo modo depende sensivelmente o equilibrio perfeito dos empreendimentos educativos.

Haja vista o edificio onde funciona a nossa escola—um predio inteiramente inadaptado ao seu fim e em cuja construcção não foram observados os indispensaveis preceitos da pedagogia e da hygiene escolar; um predio situado á margem da linha ferrea e contiguo á respectiva estação local, sem isolamento de qualquer especie, sem luz, sem ar, com a disposição interna feita arbitrariamente, afinal, com um predio que não foi construido para funcionamento de escolas, pode-se facilmente imaginar quaes as difficuldades que se nos deparam no decurso dos misteres profissionaes.

Agora perguntamos: seria lícito proseguirmos, com desassombro, nesse ambiente onde se asphyxiam as boas aspirações, onde fenecem os melhores intentos?

De certo que não. Acontece, porém, que, pelas condições do Municipio e, mesmo, do Estado, muito difficil seria cogitarmos da construcção de um outro predio para o nosso Grupo Escolar; fazia-se necessa-

rio, por tanto, um outro agente auxiliador e nenhum mais competente e mais interessado no assumpto do que o proprio meio local, se agisse mesmo sem sacrificios, sem esforços custosos, para o bem commum, para o bem da propria collectividade, se se agisse no sentido de concretizar um idéal de grande significação, de incalculaveis proveitos.

Foi o que tentamos fazer quando nossas vistas se voltaram para a Caixa Escolar; não só porque a sua instituição, no ensino publico, é um dever do mestre imposto pela Reforma, como também porque ella seria um bellissimo meio de congregar os desígnios da instrucção com os da sociedade local, afim de que, da união desses dois elementos se pudesse gerar nma força indestructivel, capaz de effectuar as aspirações, vencendo-lhes os obstaculos.

Felizmente, taes aspirações encontraram apoio em grande numero de pessoas. Hoje, graças ao concurso solidario dos amigos da instrucção, entre os quaes figura em real destaque o nome do Agronomo Adauto Azevêdo, a nossa Caixa Escolar é uma frissante realidade, e deste modo, assegurando o futuro da nossa educação, ficará em evidencia a protecção das creanças pobres e a campanha contra o analphabetismo.

Se o povo nos comprehender, se nunca nos faltar o seu apoio, se a adhesão do Municipio e do Governo do Estado tornar-se também uma realidade palpavel, então veremos, mais tarde, o producto de esforços pequeninos, transformado em grandes obras altamente significativas.

Villa Pedro Velho, — Nov. — 921.

P. Nobre.

# O milagre da esmola

*Recitada pela alumna Lenyra Moura, no dia da premiação do grupo escolar "Augusto Severo", antes de correr a bolsa em benefício do Instituto de Protecção á Infancia.*

*Qual pequenina haste que, oscillante,  
Pelo tufão poupaça cresce e esgalha  
E torna-se depois um vegetal gigante  
Que os passaros e ninhos agazalha,  
Assim a creancinha  
Que na humilde choupana,  
Abre o olhar á vida humana,  
Egual á tenra avesinha,  
Alheia a tuão quanto  
Ouvindo-lhe o vegido, vê seu pranto . . .  
E isolada do fausto, da grandeza,  
Em extrema pobreza,  
A os revezes da sorte  
Sente as caricias da morte . . .  
Surgindo um coração bondoso e puro  
Que a ampare e proteja,  
Tornar-se-á na luta bemfazeja  
Uma esperança do Brasil futuro !  
E a Patria irá servir  
Bem feliz . . . a sorrir . . .  
Vejamol-a no campa, trabalhando,  
Mal os raios do sol a natureza goira*

Tendo a enxada na mão, alegre, desbravando  
Os terrenos incultos p'ra lavoura;  
E quando a noite a repouzar se deita,  
Sob o alpendre que o luar invade,  
Dorme na paz dessa tranquillidade  
E sonha com o milho loiro da colheita!  
Ou encontremol-a, então,  
A cuidar nos destinos do paiz,  
Incrementando a producção,  
A industria, o commercio, as artes, a sciencia,  
Fazendo tudo aquillo quanto diz  
Com um maximo de escrupulo e de prudencia!

Isto na paz . . .

Porem se de momento

A onda impetuosa do egoismo  
De um outro povo avarento  
De glorias e conquista  
A' patria vem trazer tremenda guerra,  
Então se lhe estremece o organismo,  
E seja camponez ou o estadista,  
Vai palmo a palmo defender a terra  
Que lhe viu as primeiras alegrias,  
Onde seus paes viveram e seus avós,  
Terra que de Osorio e de Caxias  
Fez dois grandes herões! . . .

E este homem intrepido, capaz,  
De na guerra ou na paz  
Velar por sua patria estremecida  
Teria perdido a vida,  
Se um ente bondoso e protector,  
Dono de um grande coração,  
Cheio de immenso amor,  
Lhe não houvesse disten lido a mão!

A Patria a sua falta sentiria,  
Tal como o passavinho errante  
Que sedento e cansado  
A ausencia choraria  
Do vegetal gigante,

*Si o tufão não o houvesse conservada,  
Quando haste oscillante.*

.....  
*Abençoada seja a flor que não se estiola  
E vive a perfumar a mão que distendida  
Parece receber, mas distribue o esmola  
Em remedios, conselhos para a vida  
Prolongar, robustecer;  
E protege a infancia desvalida,  
Procurando fazer  
De cada creancinha,  
Que a podreza definha,  
Uma forte mulher, capaz de ser um dia  
No aconchego do lar a mais doce alegria,  
Ou herculeo mancebo intelligente e ouzado,  
Um verdadeiro typo de soldado,  
Que a juba de leão nos perigos sacode,  
E a quem confiar se pôde  
A honra da Bandeira  
Desta formosa Patria Brasileira !!! . . . .*

*IVO FILHO.*

## Associação de Professores

---

A iniciativa da fundação de um grupo escolar na Cidade Alta, para ser denominado "Antonio de Souza", encontrou a mais lisonjeira acolhida por parte das municipalidades e dos cavalheiros de mais destaque em nossa vida social.

A Associação de Professores, de que somos orgam na imprensa, e a quem è devida essa idéa, tem recebido as adhesões mais valiosas e auxilios materiaes tão avultados que não deixam duvidas sobre a oportunidade da idéa e a justiça da homenagem a ser prestada ao cidadão preclaro, que, governando pela 1.<sup>a</sup> vez o Estado, lançou a semente da remodelação integral da nossa iastrucção, hoje, felizmente transformada n'uma portentosa obra administrativa, em que tanto se distinguiram os que lhe antecederam no actual período governamental.

Pode a sua modestia tão proverbial esquivar-se ao preito de justiça que se lhe pretende tributar. Não se tratando, porém, de criação official, nada inibe á Associação de Professores, que é hoje o interprete do sentir da classe professoral no Estado, dar o nome que melhor entender ao futuro estabelecimento de ensino primario do nosso populoso bairro da cidade alta.

A sua falta era notavel; hajam vistas as grandes levas de alumnos que, residindo nesse bairro e procuravam diariamente as escolas de outros bairros, aliás, contra os preceitos da pedagogia e da hygiene, que mandam localizar as escolas em pontos mais proximos dos grandes nucleos de familias urbanas.

Accudiram presurosos ao appello da Associação os representantes mais graduados da politica, de ambos os partidos, as patrioticas intendencias municipaes e os distinctos cidadãos, todos movido de um unico impulso: o de secundar a generosa iniciativa e ao mesmo tempo, apoiar, como uma necessidade inadiavel, a creação do grupo da Cidade Alta.

Uma commissão de socios da Associação solicitou e obteve do provector engenheiro dr. Decio Fonseca a planta, o projecto e o orçamento do novo edificio, que será construido sob as vistas competentes do mesmo engenheiro, o que importa dizer que nada lhe faltará em bom gosto, hygiene, architectura e solidez necessarias a um estabelecimento desta natureza.

De accordo com as communicações já recebidas pela Associação já se acha subscripto o capital de 8:000\$000, pelos seguintes pessoas:

Intendencia de Nova Cruz.....	500\$000
Intendencia de São José.....	500\$000
Amphiloquio Camara.....	200\$000
Oscar Wanderley.....	200\$000
F. Gonzaga Galvão.....	200\$000
Luiz Antonio Lima.....	100\$000
Luiz C. Soares de Araujo.....	100\$000
Julia Alves Barbosa.....	100\$000
Elyseu Vianna.....	100\$000
F. Ivo Cavalcanti.....	100\$000



Severino Bezerra.....	100\$000
Abel Furtado.....	100\$000
Bartholoméu Fagundes.....	100\$000
Intendencia de Ceará-mirim.....	600\$000
Intendencia de Góyaninha.....	300\$000
Intendencia de Angicos.....	200\$000
Senador Tobias Monteiro.....	3:000\$000
Desembargador Ferreira Chaves.....	500\$000
Um desconhecido.....	200\$000
Cleto Camara.....	100\$000
Intendencia de Areia Branca.....	500\$000
Ezechias Pegado.....	50\$000
Adaucto Camara.....	50\$000
Raymundo França.....	100\$000
Clotilde Lima.....	100\$000

Alem destes, o deputado Alberto Maranhão, Coronel Pedro Soates, Commandante Joaquim Anselmo e dr. Nestor Lima, director desta "Revista", já scientificaram á Associação estarem promptos a auxiliarem a construcção do grupo escolar "Antonio de Souza", auctorizando a mandar receber, quando julgar opportuna, a quantia offerecida.

E', como se vê, um bello movimento que, mercê de Deus, se concretizará no anno proximo vindouro, devendo ser inaugurado por occasião das festas do Centenario da nossa Independencia Politica.

\* \*  
\*

Em assembléa geral de 27 de novembro findo foi eleita a nova Directoria da Associação de Professores, a quem vae caber a responsabilidade de promover a construcção do predio do nosso grupo escolar e, ao mesmo tempo reger os destinos sociaes, no anno entrante, a qual ficou assim organizada:

Presidente—Amphiloquio Camara (reeleito)  
Vice « — Luiz Soares  
1.º Secretario — Julia Barbosa (reeleita)  
2.º « — Oscar Wanderley ( » )  
Orador — Severino Bezerra  
Vice « — Carolina Wanderley  
Thezoureiro — Francisco Ivo—  
Vice « — Rosa Cabral  
Bibliothecaria — Francisca S. da Camara  
Adj. « — Emiliana Silva

A posse da nova directoria realizar-se-a no dia n4  
de Dazembro.

Fezemos votos por que a nova directoria saiba  
desincumbir-se galhardamente da tarefa que lhe està  
confiada, propugnando tambem por todos os grandes  
interesses do ensino e da classes dos professores, con-  
soante os fins dos nossos Estatutos.

# NOTICIARIO

No dia 29 do corrente, realizou-se, no theatro "Carlos Gomes", a conferencia do Dr. Sebastião Fernandes, promovida em beneficio da construcção do grupo escolar "Antonio de Souza".

A conferencia foi assistida pelo elemento intelectual que a nossa capital possui, sendo o conferencista, ao terminar a leitura do seu bello trabalho, calorosamente applaudido.

A poetiza Palmyra Wanderley leu com muito sentimento e delicadeza os versos de Auta de Souza que o dr. Sebastião Fernandes citava no decorrer de sua conferencia.

O exmo. dr. Antonio de Souza, governador do Estado, sempre prompto a prestigiar os movimentos promovidos pela "Associação", compareceu áquelle festival de arte, felicitando o Dr. Sebastião Fernandes pela magnifica impressão que lhe deixara a leitura da sua interessante e primorosa conferencia litteraria.

A "Associação de Professores", por intermedio da Professora Julia Barboza, que, interinamente, se encontra a exercer as funcções de presidente, agradeceu ao dr. Sebastião Fernandes e á poetiza Palmy-

ra Wanderley o seu valioso concurso em prol da construção do grupo escolar "Antonio de Souza."

No dia 30 realizou-se a collação de gráo dos professores primarios diplomados este anno.

O acto foi presidido pelo dr. Manuel Dantas, Director geral da Instrucção Publica, fazendo-se representar, pelo seu ajudante de ordens, o ex<sup>mo</sup>. sr. dr. governador de Estado.

Os novos professores são : Tobias dos Santos, Francisco Veras, José Francisco, Joaquim Coutinho, Herondina Camara, Alzira Gonçalves, Eliza Guimarães, Abigail Fernandes, Sephora Ramos, Lygia Navarro, Eulalia Dias e Maria da Conceição Camara.

# ERRATA

---

Houve descuidos na revisão do presente numero do *Pedagogium*, os quaes lhe afeiam a contextura material.

Delles são principaes :

Pag. 13,	29-30 linhas...	leia-se: — <i>ortographia</i>
" 19,	3 <sup>a</sup> . linha.....	leia-se: — <i>o utilizam</i>
" 20,	1 <sup>a</sup> " .....	leia-se: — <i>sóem oppôr.</i>
" 25,	1 <sup>a</sup> " .....	leia-se: — <i>dizendo-me.</i>
" 29,	6 <sup>a</sup> " .....	leia-se: — <i>lagartas.</i>
" 31,	13 <sup>a</sup> " .....	leia-se: — <i>Grignon.</i>
" "	14 <sup>a</sup> " .....	leia-se: — <i>Cursos.</i>
" 35,	6 <sup>a</sup> " .....	leia-se: — <i>E'umengano</i>
" "	13 <sup>a</sup> " .....	leia-se: — <i>filhinhos.</i>
" 45,	22 <sup>a</sup> " .....	leia-se: — <i>de dar.</i>
" 48,	14 <sup>a</sup> " .....	leia-se: — <i>desincumbir-se</i>
" 50.	10 <sup>a</sup> " .....	leia-se: — <i>José Fabricio.</i>

Os demais são trocas de letras, pasteis typographicos, excesso ou falta de caractères, ora de composição, ora de impressão; ausencia ou abundancia de signaes orthographicos, &.

Ao leitor benevolõ rogamõs desculpas de tantos defeitos e confiamõs que nol-os relevará.

**Nota da Direcção.**

# ERRATA

Il y a des erreurs dans ce livre de la part de l'auteur et de l'imprimeur. Les erreurs de l'auteur sont indiquées par un astérisque (\*) et les erreurs de l'imprimeur par un trait d'union (-).

Dans les pages suivantes :

Pag. 13	2250 litres	litres -	orthographe
" 14	30 litres	litres -	orthographe
" 20	12 "	litres -	orthographe
" 22	12 "	litres -	orthographe
" 23	12 "	litres -	orthographe
" 24	12 "	litres -	orthographe
" 25	12 "	litres -	orthographe
" 26	12 "	litres -	orthographe
" 27	12 "	litres -	orthographe
" 28	12 "	litres -	orthographe
" 29	12 "	litres -	orthographe
" 30	12 "	litres -	orthographe

Ces erreurs ont été signalées par l'auteur et l'imprimeur. Les erreurs de l'auteur sont indiquées par un astérisque (\*) et les erreurs de l'imprimeur par un trait d'union (-). Les erreurs de l'auteur sont indiquées par un astérisque (\*) et les erreurs de l'imprimeur par un trait d'union (-).

Paris, le 10 Mars 1880.

# PEDAGOGIUM

## EXPEDIENTE :

Revista consagrada aos interesses do professorado publico e particular do Estado.

Publica-se trez vezes ao anno.

Acceita collaboração de qualquer procedencia sujeita ao exame da direcção.

SECRETARIA DA REDACÇÃO:

Professora Julia Alves Barbosa.

Endereço: Escola Normal—Natal.

## PREÇOS:

Assignatura annual . . . . .	4\$000
Numero avulso . . . . .	1\$500

<i>A Abolição</i> . . . . .	Ivo Filho
<i>Professor A. Joviano</i> . . . . .	Luciano Garcia
<i>As modas e a educação</i> . . . . .	Nestor Lima
<i>A acção social e educativa da Escola Domestica</i> . . . . .	Manoel Dantas
<i>Justiça e Caridade (trad)</i> . . . . .	Carolina Wanderley
<i>Escolas Rudimentares</i> . . . . .	Severino Bezerra
<i>Caixas escolares</i> . . . . .	P. Nobre
<i>O milagre da esmola (versos)</i> . . . . .	Ivo Filho
<i>Associação de Professores</i> . . . . .	Red.
<i>Noticiario</i> . . . . .	Red.
<i>Errata</i> . . . . .	Direcção.

